



---

## **DIA MUNDIAL DOS PROFESSORES LISBOA, 5. OUTUBRO.2012**

**Mário Nogueira  
Secretário-Geral da FENPROF**

Hoje, 5 de outubro de 2012, a FENPROF assinala, como faz há vários anos, o Dia Mundial dos Professores.

Neste dia, afirmar que os Professores são construtores insubstituíveis do futuro, poderá ser tido como comum e repetitivo, mas deverá afirmar-se, pois é justo e verdadeiro. Tanto, como reconhecer “*o papel essencial dos professores no progresso da educação e a importância do seu contributo para o desenvolvimento do homem e da sociedade moderna*”, uma afirmação com 46 anos, escrita, em 1966 na Declaração Conjunta da UNESCO e OIT, aprovada pela Conferência Intergovernamental Especial sobre a Condição dos Professores, que se realizou em Paris.

Estamos longe – e já estivemos mais perto, essa é que é a verdade – de ver reconhecido esse papel pelos poderes instituídos, logo, de ver respeitados, dignificados e valorizados os professores e o seu exercício profissional. E, ao contrário do que seria desejável e esperaria, nos últimos anos foram dados muitos passos atrás, sendo intenção dos governantes levar o retrocesso ainda mais longe.

Há razões economicistas que estão na origem deste caminho negativo que tem vindo a ser seguido e hoje se acentua, mas não podemos fingir que não percebemos que, o problema maior, o problema principal é a agenda ideológica de matriz neoliberal que marca, indelevelmente, o sentido das políticas que estão a ser impostas também no nosso país.

Os professores são hoje vítimas de medidas que provocam desemprego e tornam precário e muito instável o exercício da sua profissão; são também vítimas de políticas que procuram destruir as funções sociais do Estado, pelo que o bloqueamento ou desmantelamento de serviços públicos fazem parte dessa estratégia; são, por fim, vítimas de um efetivo desinvestimento na Educação e, em particular, na Escola Pública, sendo essa a razão por que se agravam os cortes orçamentais, se ataca a organização pedagógica e se afastam profissionais que fazem muita falta às escolas.

Vivemos, há poucas semanas, um momento muito importante do ano letivo: a sua abertura. Não foi fácil organizar as escolas para tal, pois ao longo de julho e agosto foram quase diárias as orientações e contra-orientações de um MEC que enche a boca com “autonomia”, mas tem uma prática que a nega; porém, do ano letivo, até agora apenas aconteceu o mais simples o mais simples: abriram-se as portas. Mantê-las abertas em cada dia que passa é, agora, o grande desafio, sendo crível que, a concretizarem-se ameaças que pairam nesta fase que antecede a aprovação do Orçamento do Estado para 2013, algumas não conseguirão evitar que se fechem antes do tempo.

Aspeto mais visível para o exterior, neste início de ano letivo, é o **forte aumento do desemprego dos professores** e das situações de instabilidade. Desde 2006 que os governos trabalhavam para isto. Acabaram os concursos anuais e, em 6 anos, para compensar as 25.000 aposentações de docentes, entraram 396 nos quadros. Como foram precisos outros para substituir os aposentados, a opção foi pela precariedade.

Com o sistema suportado em mais de 30.000 precários, este foi o ano de tomar as medidas que, facilmente, afastaram os precários da profissão. Só assim se explica o sentido dos 150 mega-agrupamentos criados, da revisão da estrutura curricular feita à calculadora, do aumento do número de alunos por turma, da extinção de múltiplos projetos, do encerramento de mais escolas, da alteração das normas para a elaboração dos horários de trabalho dos docentes, da redução de tempos para desempenho de cargos nas escolas... e foi com tais medidas que:

- O **sistema absorveu as 25.000 aposentações**;

- Até agora, **ficaram no desemprego cerca de 10.000 docentes** a mais que no ano passado, devendo atingir-se os 18.000 ao longo do ano;

- Foi criada uma **bolsa de docentes dos quadros com horário-zero** que, no primeiro momento, atingiu os 15.000, podendo agora ter ficado pelos 7.000 a 8.000 (só o MEC sabe, ao certo, o número). Quanto aos que ainda não saíram da lista nacional de quem tem “horário-zero”, procura o MEC, agora, empurrá-los para outro ministério, aplicando um primeiro processo de mobilidade especial que já é anunciado na comunicação social sem, no entanto, ter havido qualquer discussão e negociação com as organizações sindicais, como a lei impõe.

Nuno Crato diz que as medidas que tomou são **marginais** nesta situação de desemprego e instabilidade. Não são! **Marginal é a política que desenvolve**: marginal em relação ao interesse nacional, marginal em relação às necessidades das escolas e também dos direitos dos seus profissionais, dos alunos e das famílias... muitas vezes, até, marginal em relação ao que a lei consagra.

A situação criada é grave porque a escola se desumaniza cada vez mais, as aprendizagens reduzem-se, competências importantes deixam de ser construídas, a inclusão vai-se tornando apenas princípio, o abandono e o insucesso arrastam-se, a qualidade do ensino sofre sério revés.

Como se referiu atrás, o problema está longe de se esgotar na questão financeira e a crise acaba por ser boa desculpa para levar por diante a **agenda ideológica** que aponta para uma **escola com 3 patamares**:

- Uma **escola pública empobrecida**, de matriz descaracterizada, apenas com respostas básicas e uma forte componente profissional (para quem não tem dinheiro para estudar mais, para quem apresenta dificuldades de aprendizagem...) e para a qual o ministro já disse querer empurrar 50% dos alunos. Esta opção faz parte do memorando da troika que compromete responsáveis do anterior e do atual governo.

- Uma **escola de elite**, que cruzará com processos de privatização e com a aplicação do princípio da alegada liberdade de escolha para alguns, mas os custos a serem suportados por todos.

- Uma **escola para os que sobram** e quem sobra serão os deficientes que começam a regressar aos espaços segregados, como prevê a Portaria 275-A, recentemente publicada, prevendo que alunos com CEI (Currículo Específico Individualizado) até ao 9.º ano, no 10.º passem 80% do seu tempo letivo fora da turma e, por norma, da escola. O mesmo se pode dizer em relação a outros que, apresentando dificuldades maiores, não merecerão os apoios necessários, antes serão desviados para as ditas vias vocacionais.

Percebe-se, agora que chegou ao poder, **o que pretendia afirmar Nuno Crato quando dizia que iria implodir o Ministério da Educação**: em português de poder significa **demolir a Escola Pública!**

Vivemos, pois, um contexto em que o futuro se apresenta negro:

Apesar de Portugal ser um país com muitos problemas na Educação, este setor tem sofrido **rudes golpes orçamentais**: 800 milhões em 2011 e 1.500 milhões em 2012 passando, em apenas de 2 anos, de 5,7 para 3,9% do PIB, um dos lugares mais baixos no contexto europeu. As Grandes Opções do Plano anunciam novo corte de 0,4%, ou seja, de cerca de 700 milhões de euros. Se isto acontecer, estamos perante um **corte de 3.000 milhões de euros na Educação, em apenas 3 anos. Não é forte afirmar que, a concretizar-se, estaremos perante um corte assassino.**

Face a isto, é caso para dizer, como diz o povo, que se junta a fome à vontade de comer: a troika quer que Portugal invista na ignorância; o governo português aceita investir na ignorância. Sempre foi assim com os “migueis de vasconcelos”: acima dos interesses nacionais colocaram os interesses dos invasores e poderosos. Poderosos esses que, como alguém um dia afirmou, não têm princípios, mas apenas interesses. Confirma-se mais uma vez.

É neste quadro de previsibilidade de novo e duro corte, por anúncio prévio, que professores, pais e encarregados de educação, trabalhadores não docentes das escolas e inspetores de educação decidiram avançar com uma Petição a nível nacional, exigindo que não haja mais cortes na Educação e que o financiamento seja o adequado. Vamos, com empenho, recolher rapidamente as assinaturas necessárias para levar esta Petição a discussão em Plenário da Assembleia da República.

Disse o ministro, há dias, que a profissão de Professor é linda. É sim, senhor ministro, daí a pergunta que fica: então por que está a torná-la menos bonita? Por que teima em estragá-la com medidas que lhe retiram condições para que afirme, em todo o seu esplendor, essa beleza? Por que quer substituir o professor criativo e com autonomia no exercício da sua profissão, por um autómato com os minutos contados e os movimentos manietados?

05/10/2012

Os professores sentem, no seu dia-a-dia, que as políticas são as piores, as medidas são para destruir e as práticas, sempre desfasadas das palavras são injustas, face ao que é o seu esforço, a sua dedicação e o seu empenhamento nas escolas, garantindo que funcionam, apesar das políticas educativas desenvolvidas. Conforta-nos que seja reconhecido pela sociedade, como confirmam sucessivos estudos de opinião, que os professores merecem carinho, reconhecimento e confiança; todavia, indigna-nos que sejam alvo de tantos ataques e injúrias, muitas vezes suportados em mentiras ou manipulações. Continuaremos a tudo fazer para combater essa postura que, muitas vezes, é assumida por quem deveria pugnar em sentido contrário: o próprio poder político.

Ao Senhor Ministro dizemos que, em vez de afirmar que a profissão de Professor é linda, **deveria aproveitar o dia de hoje, Dia Mundial dos Professores, para se associar aos que, com sinceridade e respeito, comemoram esta data, nomeadamente anunciando medidas positivas que dignificassem o exercício da profissão. Não aconteceu, lamenta-se a omissão...**

Uma palavra final para os que, numa outra dimensão, quiseram, também hoje, estar com os Professores, demonstrando que continuam a acreditar que esta é uma profissão de futuro: o nosso sincero agradecimento. Agradecemos as palavras que foram aqui ditas, nesta sessão, pois temos a certeza de não serem de ocasião; agradecemos o apoio que recebemos para que fosse criado um Prémio Literário com a importância do que, este ano, sendo de poesia, recebeu o nome de um poeta – António Gedeão – um poeta com uma enorme dimensão literária, mas igualmente humana, simultaneamente, um Homem com um sentido de cidadania e capacidade de intervenção social e cívica que, nos tempos que correm, é exemplo para quantos, por acharem difíceis os tempos, se abstêm de tomar posição. Assim, o nosso agradecimento à SECRE, uma corretora de seguros com quem, ao longo de muitos anos de trabalho, criámos laços que vão muito para além das relações comerciais. Foi uma iniciativa de êxito, pois, sendo a primeira, contou com um número significativo de participações, teve uma ilustre vencedora, a Professora Ana Luísa Amaral, e um júri de grande qualidade, sobre quem me escuso de tecer elogios: o Paulo Sucena, o José Manuel Mendes e a Lídia Jorge, a quem também deixo o mais sincero agradecimento.

Agradeço ainda o apoio disponibilizado ao concurso de pintura e desenho de crianças e jovens, alunos das escolas portuguesas, por parte dos Cafés Delta que têm a circular uma coleção de 12 pacotes de açúcar com os trabalhos selecionados. A este propósito, vários agradecimentos. Desde logo, a todas as escolas, professores e alunos que participaram e que, como se pode ver pela exposição no exterior, tornaram bem difícil a tarefa do júri; também aos membros do júri, professores e uma profissional de design da Delta, que reuniram e assumiram a ingrata responsabilidade de fazer a escolha; um agradecimento final ao comendador Rui Nabeiro e pelas melhores razões. É que desde o encontro que tivemos no seu escritório, onde expusemos a ideia, a agarrou com entusiasmo por duas razões fundamentais, disse-nos: o respeito que tem pelos professores e pela sua árdua tarefa; o respeito que tem pela FENPROF, organização que os representa.

Concluo deixando, neste Dia Mundial dos Professores, uma forte saudação aos Professores e Educadores do mundo inteiro e um Viva muito especial para os Professores e Educadores Portugueses, grandes profissionais e ilustres cidadãos que, com o seu trabalho, lutam por um Portugal com futuro.

05/10/2012